

A COLECIONAÇÃO DE DESENHOS E PINTURAS DE PACIENTES DO HOSPITAL PSIQUIÁTRICO DE JUQUERY E A AQUISIÇÃO DAS COLEÇÕES PELAS INSTITUIÇÕES DE ARTE.

Rosa Cristina Maria de Carvalho¹

A intenção de apresentar o processo de coleção de desenhos e pinturas de pacientes psiquiátricos no VIII Encontro de História da Arte, que tem por finalidade discutir a contribuição da curadoria para a história da arte, deve-se primeiramente à natureza desse processo que pressupõe o médico como o primeiro “tutor” das obras. A segunda razão refere-se ao desmembramento das coleções formadas no Juquery e a conseqüente aquisição das obras pelas instituições de arte.

O asilo de alienados de Juquery foi inaugurado em 1898 com o objetivo de instaurar o conhecimento psiquiátrico no Estado de São Paulo. Conseqüentemente, nesse hospital havia uma equipe dedicada ao estudo e ao tratamento dos fenômenos da loucura. Um dos fenômenos observados foi a dedicação de alguns pacientes ao desenho e à modelagem. Os profissionais interpretavam essa dedicação como um comportamento natural desses pacientes e prestavam pouca atenção aos objetos elaborados.

Pensar a coleção, a reunião das obras, foi uma ação iniciada em 1923, pelo médico anatomopatologista Osório Thaumaturgo Cesar² (1895-1979). A publicação dos primeiros estudos desse médico são, atualmente, as fontes documentais que possibilitam identificar quais foram os primeiros objetos colecionados no hospital. Esses objetos eram: modelagens em argila e em miolo de pão, fotos de desenhos gravados nos muros dos pátios do hospital psiquiátrico, uma série de desenhos feitos à lápis preto e lápis de cor e nela continha representações minuciosas de flores e de ramos. Havia também uma série de desenhos com representações de santos e outra de desenhos acompanhados por escritos. Objetos como bonecas feitas de tecido e papel pelas mulheres hospi-

1 Graduada em Educação Artística/ Artes Plásticas e Mestre em Artes pelo Instituto de Artes – Unicamp. É aluna de doutorado do Programa de História, linha História da Arte, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Unicamp. Atualmente desenvolve pesquisa de doutoramento com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

2 Osório Thaumaturgo Cesar nasceu no dia 17 de novembro de 1895 em João Pessoa e faleceu no dia 3 de dezembro de 1979 em Franco da Rocha. Há poucas informações conhecidas a respeito da vida e da família de Osório Cesar na Paraíba, sabemos apenas que ele veio a São Paulo, em 1912, para estudar na Faculdade de Odontologia. Terminando esse curso em 1915, Osório César matricula-se na Faculdade de Medicina de São Paulo em 1918 e forma-se na faculdade de Medicina da Praia Vermelha no Rio de Janeiro em 1925. Em 1923, ingressa como estudante no Hospital Psiquiátrico de Juquery e começa a trabalhar nessa instituição como médico anatomopatologista de 1925 até 1964 quando se aposenta em conseqüência das pressões militares. In FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo. *Arte e loucura: limites do imprevisível*. São Paulo: Lemos Editorial, 1998, p.45.

talizadas e instrumentos musicais construídos pelos pacientes eram colecionados em conjunto com os desenhos.

Hoje, não existem informações a respeito da localização desses objetos que formaram a primeira coleção hospitalar, sabe-se que a diretoria oferecia uma sala no prédio do setor administrativo do hospital para guardar as obras recolhidas pela equipe médica.

Essas primeiras publicações informavam também a coleção particular de Osório Cesar e o interesse dele por certos tipos de obras, tais como: uma série de desenhos e de pinturas feitas à lápis grafite ou lápis de cor e uma série de pinturas a guache ou aquarela. Todos realizados sobre papel de pequenas dimensões, 30cmx15cm, e formato retangular. Havia ainda uma série de desenhos semelhantes ao grafismo infantil, porém feitos por adultos, desenhos de crianças com idade entre quatro e seis anos, e desenhos feitos por adolescentes internados no hospital por apresentarem distúrbios mentais. Partituras com composições de pacientes que eram musicistas também foram colecionadas.

Quanto à procedência das obras, Osório Cesar afirmou em 1950 que todos os trabalhos de sua coleção foram realizados pelos pacientes nos locais onde eles estavam acostumados a frequentar. Eles desenhavam e pintavam no momento em que desejam e com o material de que dispunham; não se deslocavam a um espaço específico destinado à prática de desenho ou da pintura. No entanto, no período de 1952 a 1964, Osório Cesar assumiu a direção da seção de pintura, essa organizada pelo Doutor Mário Yahn, e conseqüentemente trouxe obras provenientes desse espaço para a coleção.

Em 1974, cinco antes de falecer, Osório Cesar doou cem desenhos de sua coleção ao MASP, indicando a intenção de que as obras, por ele selecionadas, fossem mantidas sob o cuidado de um museu de arte.

Atualmente, segmentos da coleção particular de Osório Cesar integram a Coleção do Hospital de Sainte Anne e a coleção do cineasta Bruno Decharme da Associação *Abcd- art brut connaissance & diffusion*.

Osório Cesar formou a coleção com o objetivo de pesquisar as obras como possibilidades terapêuticas e de estudo da configuração simbólica. Para ele, as produções plásticas seriam índices da condição mental do paciente e possibilitariam o acompanhamento do estado psíquico desse;

mas também essas mesmas obras eram um rico material de discussão a respeito do potencial criativo do doente mental. Pretendendo compreender esse potencial e tendo como referência a estrutura argumentativa do livro *Bildneri der Geisteskranken* escrito pelo historiador de arte e psiquiatra Hans Prinzhorn, Osório ensaiou uma classificação para as obras colecionadas. Ele as agrupou conforme os estilos e os temas, e estabeleceu analogias entre essas obras e o desenho da criança, o desenho rupestre, a arte africana, a arte gótica, a arte oriental e a arte de vanguarda.

Segundo Osório, o processo psíquico inconsciente contribuía para a realização da ação criativa, logo esse processo estava presente na manifestação da criança e do alienado e também na arte. Contudo, o fator inconsciente da ação criativa não igualava a condição psíquica dos criadores, por exemplo: no paciente psiquiátrico o acesso espontâneo ao inconsciente era possibilitado pela fragilidade psíquica, enquanto o artista de vanguarda estudava, pesquisava o acesso ao inconsciente. O artista não estava fragilizado mentalmente.

No final da década de 1940 e início de 1950, foram iniciadas outras duas coleções de desenhos, pinturas e modelagens de pacientes do Hospital Psiquiátrico de Juquery: a coleção do Doutor Paulo Fraletti, e a do Doutor Mário Yahn

Em 1948, Paulo Fralletti (1921-2011)³, psiquiatra do Manicômio Judiciário, reuniu desenhos e pinturas de pacientes com a finalidade de estudar o estado psíquico desses. No texto “Considerações sobre a arte dos alienados e dos artistas modernos” escrito em 1954 e proferido no Museu de Arte de São Paulo em virtude da III Exposição dos artistas de Juquery, Fraletti presumiu a contribuição do estudo sobre a criatividade, realizado por psiquiatras, para o entendimento do conteúdo subjetivo presente na obra de arte moderna.

Em 1981, quatro obras em guache da coleção de Paula Fralletti foram apresentadas na Exposição de Arte Incomum durante a realização da XVI Bienal de São Paulo, as informações detalhadas sobre essa coleção é algo a se descobrir.

A coleção de Mário Yahn (1908-1977)⁴ foi iniciada em setembro de 1949 como o resultado

3 Paulo Fralletti nasceu em Pereiras no dia 4 de janeiro de 1921. Estudou na Escola Paulista de Medicina e terminou a graduação em 1947. De 1948 a 1990 trabalhou como psiquiatra no Manicômio Judiciário do Estado de São Paulo e no Departamento Psiquiátrico II em Franco da Rocha. Trabalhou como docente em faculdades de medicina e entre essas na Faculdade de Medicina de Sorocaba (PUC-SP). Dedicou-se ao jornalismo e a literatura e foi membro das Academias de Letras de Sorocaba e de Piracicaba. Fundou o Centro Histórico e Cultural em Pereiras. In VIEIRA, José Cássio Simões, et al. “Homenagem ao Professor Paulo Fralletti”. Revista de Psiquiatria Clínica. 2011; 38(1): 1-2.

4 Mário Yahn nasceu na cidade de Campinas (SP) em 1908 e estudou na Faculdade de Medicina de São Paulo. Ingressou como médico assistente de psiquiatria em 1932 no Hospital Psiquiátrico de Juquery e aderiu à teoria psicanalítica como conhecimento complementar a sua formação psiquiátrica. In OLIVEIRA, Carmem Lucia Montechi Valladares. *História da Psicanálise – São Paulo (1920-1969)*, São Paulo: Editora Escuta Ltda., 2005, p.221.

de uma experiência desse médico que visualizou no convite para participar da Exposição Internacional de Arte Psicopatológica - a ser realizada durante o Primeiro Congresso Mundial de Psiquiatria de Paris⁵ - a possibilidade de iniciar suas discussões sobre o uso da imagem no campo da clínica psicanalítica.

Nessa coleção havia aproximadamente 236 obras em desenhos e pinturas, realizadas por trinta e cinco pacientes, alguns com certa experiência artística e artesanal. Havia obras de dimensões maiores do que aquelas reunidas na coleção de Osório Cesar, algumas chegavam a medir 50x60cm. Predominavam as pinturas a óleo ou a guache sobre papel, e os desenhos feitos à nanquim e à lápis preto ou colorido. A representação de paisagens com animais, de lembranças de fatos vividos ou de cenas imaginadas pelos pacientes era freqüente nessas obras. Na coleção de Mário Yahn havia também esculturas em madeira e em gesso. Atualmente algumas obras que pertenceram ao Dr. Yahn constituem a coleção histórica do Centro de Estudos da Expressão, localizado no Hospital Sainte Anne, em Paris⁶.

Todas as obras da coleção de Mário Yahn procedentes da seção de desenho e pintura organizada por ele e pela artista Maria Leontina. Na época da formação dessa seção, Mário Yahn era o diretor do quinto pavilhão onde funcionava a ala feminina do hospital, conseqüentemente ele conseguiu uma antiga sala de banhos situada nesse pavilhão para iniciar a seção de pintura e escultura. Maria Leontina foi convidada para orientar os pacientes na técnica de pintura e para “selecionar os trabalhos de maior significação artística” conforme as palavras do próprio Mário Yahn. O trabalho dela foi fundamental na formação da coleção e no envolvimento dos pacientes com os processos de pintura.

Em correspondência destinada a Robert Volmat⁷, Mário Yahn narrou a dificuldade que encontrou para interpretar o estado psíquico do paciente a partir dos desenhos e das pinturas, pois,

5 A Exposição Internacional de Arte Psicopatológica foi decidida em 1948 pela comissão de médicos organizadores do Congresso Mundial de Psiquiatria. A exposição ocorreu de 21 de setembro a 14 de outubro de 1950, em Paris. Em 1949, um comitê provisório, formado pelos médicos Dr. Bessiére, Ey, Lê Guillant Rouart, iniciou a preparação da exposição e enviou cartas aos hospitais psiquiátricos de vários países solicitando informações a respeito de coleções de desenhos de pacientes. Em novembro de 1949 esse comitê recebeu resposta de 29 psiquiatras de 16 países. Osório Cesar e Mário Yahn participaram do congresso e enviaram obras de suas coleções. In: VOLMAT, Robert. *L'art psychopathologique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1956, p.1-2.

6 Esse centro de estudos foi fundado em 1960 para preservar as obras doadas em virtude da Exposição de Arte Psicopatológica e para incentivar e possibilitar pesquisas por um viés terapêutico ou artístico. O centro também mantém um acervo recente com obras provenientes de doações e do ateliê de arte terapia da clínica universitária do Hospital de Sainte Anne.

7 Robert Volmat foi chefe da clínica psiquiátrica da Faculdade de Medicina de Paris. Essa carta foi publicada em separata dos Arquivos do Departamento de Assistência a Psicopatas do Estado de São Paulo em 1951.

ao observar-los no ateliê, ele notou certa preocupação desses pacientes em realizar uma produção que despertassem a aprovação dos observadores. Yahn percebeu que essa preocupação não existia quando o paciente relatava os sonhos ao médico e ele concluiu que a imagem no sonho apresentava um caráter mais inconsciente do que a imagem presente no desenho ou na pintura. A solução encontrada por ele para atender aos objetivos clínicos da atividade plástica foi a organização em série dos desenhos de um único paciente com o intuito de identificar os símbolos que se repetiam.

Mário Yahn e Maria Leontina estiveram à frente da seção de pintura e escultura até 1951. A partir de 1952, Osório Cesar torna-se o responsável pela seção que fica conhecida como Escola Livre de Artes Plásticas do Juquery, em 1956. Osório dirige essa escola até 1964 e dez anos depois, a atuação da escola diminui consideravelmente.

Em 1983, a Coordenadoria de Saúde Mental de São Paulo inicia um projeto de reorganização do hospital e o grupo de profissionais que trabalhava nesse projeto encontrou em um galpão um conjunto significativo de desenhos, de pinturas, gravuras e cerâmicas realizadas entre os anos quarenta e setenta.

Em 1984, o trabalho de limpeza, de restauro e também o inventário das obras e o tombamento foi realizado por uma equipe de profissionais vinculada à Universidade de São Paulo. Maria Heloisa de Toledo Ferraz, Lourdes Solero Gallo e Helena Barbosa Fenerich trabalharam para a formação do acervo com 2.258 obras. Com o apoio da diretoria do hospital, a antiga casa do Dr. Franco da Rocha, projetada pelo arquiteto Ramos de Azevedo, foi reformada para a sede do Museu Osório Cesar que foi inaugurado em 10 de dezembro de 1985.

Esse museu foi pensado para funcionar como museu artístico, com exposições de seu acervo em outras instituições de arte. Um ateliê com o trabalho de ensino de artes, ministrado por arte-educadores e artistas⁸, foi organizado dentro do museu para atender os pacientes do hospital e os visitantes.

Em 1990, houve uma mudança na diretoria do Hospital Psiquiátrico de Juquery e aos poucos o funcionamento e a conservação do Museu Osório Cesar passou a ser de responsabilidade exclusiva dos funcionários do hospital. Iniciou-se na década de noventa a descaracterização do Museu Osório Cesar enquanto instituição artística, pois não houve a possibilidade de contratação de mu-

⁸ Em 1988, a artista plástica Mônica Nador, orientou as atividades de artes no ateliê e realizou trabalhos em conjunto com os pacientes. In: FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo. *Arte e loucura: limites do imprevisível*. São Paulo: Lemos Editorial, 1998, p.107.

seólogos e de arte educadores pela secretaria da saúde. Em 2005, após o incêndio no prédio da biblioteca, o museu foi fechado e o acervo transferido para um dos setores administrativos do hospital.

Desde 2010 o acervo do Museu Osório Cesar está sendo redescoberto. Ele voltou a ser apresentado ao público como o ocorrido na exposição “Zonas de Contato: pinturas de Pacientes Artistas do Juquery”, realizada no Palácio de Horto, em São Paulo, de trinta de janeiro a treze de junho de 2010. O acervo tornou-se também uma das prioridades da nova diretoria do hospital que anunciou na imprensa, em novembro de 2011, a organização de um projeto que tem por objetivos repassar o acervo para a Secretaria da Cultura, reformar o prédio onde funcionou o Museu Osório Cesar e fundar nesse prédio um museu histórico. Diante desses acontecimentos, é necessário pensar para o novo museu um trabalho de curadoria com a finalidade de preservar um conjunto de obras que estão vinculadas historicamente a outras obras que recebem hoje conotações artísticas, tais como: os desenhos da coleção de Osório Cesar que estão no Museu de Arte de São Paulo e os desenhos da coleção Bruno Decharme da Associação Abcd- art brut connaissance & diffusion, em Paris.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A ARTE dos alienados é tão interessante quanto à arte normal moderna. *Diário da Noite*, 19 abr. de 1941, p.3.

CESAR, Osório. *A expressão artística nos alienados: contribuição para o estudo dos símbolos na arte*. São Paulo: Hospital do Juquery, 1929.

FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo. “O Pioneirismo de Osório Cesar”, in *Arte e inconsciente: três visões sobre o Juquery*. Fotos de Alice Brill, desenhos de Lasar Segall e obras de pacientes internados. Catálogo de Exposição, Instituto Moreira Salles, São Paulo, 2002.

_____. *Arte e loucura: limites do imprevisível*. São Paulo: Lemos Editorial, 1998.

MARQUES, Luiz (Coord.). “Doação Dr.Osório Cesar (1896-1980)”. Catálogo do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. *Arte do Brasil e demais coleções*, 1998.p. 168-173.

OLIVEIRA, Carmem Lucia Montechi Valladares. A sociedade brasileira de psicanálise. In: *História da Psicanálise – São Paulo (1920-1969)*. São Paulo: Editora Escuta Ltda. , 2005, p.193- 266.

PRINZHORN, Hans. Les fondements psychologiques de la « gestaltung » plastique. In :*Expressions de la folie: dessins, peintures, sculptures d’asile*. Edition établie et présentée par Marielène Weber. Traduit de l’allemand par Alain Brousse et Marielène Weber. Préface de Jean Starobinski. Éditions Gallimard, 1984, p.65-95.

VIEIRA, José Cássio Simões, et al. Homenagem ao Professor Paulo Fralleti. *Revista de Psiquiatria Clínica*. São Paulo, v. 38, n. 1, 2011, p.1-2. Disponível em <http://www.hcnet.usp.br/ipq/revista/v38/n1/01.htm>. Acesso em 21/11/2011.

VOLMAT, Robert. *L'art psychopathologique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1956.

YAHN, Mário. Exposição de Arte Psicopatológica no Primeiro Congresso Internacional de Paris. *Arquivos do Departamento de Assistência a Psicopatas do Estado de São Paulo*, v. 16, jan. – dez. 1951, p.26-30.